

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas Class.: \_\_\_\_\_

Data: 03/07/88 Pg.: \_\_\_\_\_

### 190 Cimi diz que xacriabás estão sob Lei do Miroró

Desde a saída dos posseiros que ocupavam ilegalmente a Reserva Xacriabá, no distrito de São João das Missões, em Itacarambi, no Norte do Estado, os 4.500 índios que espalham nas 22 aldeias de reserva estão vivendo sob a "Lei do Miroró", ou a lei do porrete, patrocinada pelo posto da Funai na área indígena. A denúncia é do Conselho Indigenista Missionário — Cimi — e foi encaminhada à Comissão Parlamentar de Sindicância instalada pela Assembléia Legislativa para avaliar a atual situação dos xacriabás.

Quem cunhou a expressão "Lei do Miroró" — segundo relato de 15 índios das aldeias Brejo do Mata Fome, Morro Falhado, Barreiro Preto e Barra do Sumaré feito a representante do Cimi, Diocese de Januária e Comunidade Eclesial de Base de Montes Claros —, foram os próprios xacriabás que seguem a liderança do cacique Manoel Gomes de Oliveira, o "Rodrigão", funcionário assalariado da Funai desde 1974 e um dos principais acusados de violência contra os índios dentro da reserva. O "Miroró", de acordo com relato do Cimi, é um galho seco de árvore abundante na região da reserva, usado para tocar e afugentar animais e, atualmente, para espancar os xacriabás que se insurgem contra as ordens da Funai.

No encontro que mantiveram com representantes do Conselho Indigenista Missionário e da Igreja há duas semanas em Januária, os 15 xacriabás confirmaram as agressões por parte dos funcionários da Funai e relataram a expulsão do padre José Iadgi da reserva, no dia 9 de maio, e as represálias contra os índios que ficaram a seu lado. O principal relato foi feito pela índia Maria de Jesus, da Aldeia Morro Falhado: "Maria conta que os índios receberam um aviso para se encontrarem com o padre José no dia 9 de maio" — diz o documento do Cimi encaminhado à comissão da Assembléia. "quando chegaram lá, já estava Emílio (do grupo de "Rodrigão") discutindo com o padre. Ela saiu para beber água e quando voltou o padre já estava saindo. Perguntou por que o padre não ia celebrar a missa. Então, Emílio começou a xingar Maria. Emílio desceu do cavalo e Antônio Santana já estava perto de Zé do Ricarda, marido de Maria. Antônio começou a bater em José de Ricardo com um pau. Rodrigão, de cima de um animal, mandava meter o pau e o sangue corria da cabeça de Zé".

Quando Zé de Ricarda conseguiu fugir — diz o documento — os homens do grupo do cacique começaram a bater em Maria: "O queixo dela ficou inchado mais de oito dias. Zé de Ricarda

conta que eles estavam muito armados. O sangue corria pelo seu rosto enquanto ele fugia. E os homens à procura dele. Ele conseguiu se esconder na mata. Saiu da área e procurou ajuda na casa de um conhecido, que lhe fez curativo. Ele voltou para casa quase sem poder e ficou uns oito dias deitado numa cama, todo arreventado. Maria diz que quando os homens de Rodrigão batiam nela, gritavam como se estivessem num campo de futebol. Eles diziam que o povo que está do lado do Cimi ia se acabar. Tinha que sair da área. Quem não os acompanhasse e fizesse o que eles estavam pensando tinha que cair na "Lei do Miroró".

#### Cacique nega

Em depoimento prestado no final da semana à comissão da Assembléia Legislativa, o cacique "Rodrigão" confirmou a proibição da entrada do padre José Tadei na reserva e negou a agressão aos índios. Respondendo a uma pergunta do deputado Nilmário Miranda (PT), que queria saber se havia mesmo a proibição da entrada do padre José Tadei, o cacique confirmou que não havia dado ordens para que ele entrasse na área xacriabá: "O padre não me avisou que iria na reserva. Eu sou cacique, sou uma autoridade. Para entrar na reserva é necessário que se comunique comigo, pois preciso saber o que a pessoa vai fazer lá".

Depois de negar violências da Funai contra os índios, "Rodrigão" confirmou que representantes do Cimi estão proibidos de ir à reserva — "eles sempre trazem desavenças e desorganização" — e rebateu outra acusação, a de que distribuiu para seus amigos as posses abandonadas pelas famílias de posseiros expulsas da reserva em 1986. De acordo com a denúncia, o próprio cacique ficou com 12 posses, cabendo uma outra grande área a seu cunhado, Arnaldo.

"A denúncia não está correta porque essas pessoas que fizeram essa caminhada para fazer a denúncia estão segurando uma terra grande de posseiros. Essa terra está para ser dividida, essa que é do Arnaldo. Ele cercou uma parte, a outra parte quem vai cercar são as pessoas. Essa parte de quem fez a denúncia foi onde tivemos uma luta grande para afastar o posseiro e abrir esse terreno para ele" — disse "Rodrigão". A comissão de sindicância, presidida pelo deputado Ferraz Caldas (PMDB), ouviu há duas semanas o bispo de Januária, dom Antônio Fillipe, que fez graves denúncias quanto à atuação da Funai na área xacriabá, responsabilizando-a e ao cacique "Rodrigão" por uma série de irregularidades e violência na reserva.